



A ARTE DO ARTISTA OU ARTE DO ARTEIRO?

TÁRCIO GUSTAVO DA SILVA

RESUMO

A docência em arte é afetada por uma problemática constante de conceituação, sobre o que é a arte? e o que é fazer arte? no qual é atravessada pelas padronizações das estéticas de arte, reduzindo por meio de julgamentos o que pode ou não ser arte. Quais os limites do criar? O processo criativo artístico exige fluidez e liberdade para então materializar a expressividade de devaneios, sonhos e loucuras. Porém, o conceito de arte tem sido constantemente utilizado de forma depreciativa, remetendo-se à traquinagem, a repetição do uso tem reforçado sua existência, provocando assim certo enraizamento do termo 'arteiro'. O problema principal se manifesta na linha tênue entre a arte do artista e a arte do arteiro, onde a confusão consiste no aproveitamento do caráter livre que necessita o processo artístico para então remeter-se a um fenômeno comportamental, tentando deslegitimar tanto os processos artísticos que não se enquadram nos padrões estéticos, quanto ao comportamento que não se enquadra nas regras da sociedade. Em meio a essa confusão de conceitos, o professor de artes acaba tendo que remodelar suas metodologias, ou até deixar de explorar as criatividade de maneira fluida. O presente relato de experiência mostra como esse problema pode afetar diretamente as crianças e os professores, trazendo perspectivas de experimentações de diferentes possibilidades de aula, no qual, pretende tensionar questionamentos sobre como podemos trabalhar com artes e como tratamos as expressões cotidianas de crianças, pensando nas manifestações de maneira que fuja das padronizações, principalmente as impostas pela estética da arte. Não se pretende ensinar como dar aula, e muito menos chegar a alguma conclusão, mas sim gerar incômodos a fim de contestar, e impulsionar a auto reflexão crítica sobre metodologias por professores de artes e afins.

Palavras-chave: educação libertária; filosofia; expressão; infância; garatujas.

1 INTRODUÇÃO

Quando pensamos em arte, se tem a impressão de que se sabe exatamente o que se remete ao conceito de arte, mas, quem consegue afirmar o que realmente é a arte? O que pode ser e pode não ser arte? Quem define o que é e o que não é arte? Quem faz arte? O artista ou o arteiro?

Imagem 1. Acervo Pessoal



Segundo o dicionário Oxford Languages (2024) a arte pode ser definida como “1. produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para expressão da subjetividade humana; 2. habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de uma forma consciente, controlada e racional.” Quando se fala do ‘ideal de beleza e harmonia’, adentra-se ao enquadramento da estética da arte, que se associa ao segundo conceito descrito, no qual penso que visa valorizar técnicas e precisão, mas existe uma contradição quando é definida como “expressão da subjetividade humana”. Existe uma estética para subjetividade? Como ela pode ser expressa? O que pode a subjetividade?

Os processos tecnicistas impostos na arte, é o mesmo que reduz a arte como um mero exercício de reprodução, impondo limitações e padronizações à expressão artística. Na arte existe espaço para a criatividade? Atividade de criar ou de reproduzir?

Pensando que o espaço para a expressão já naturalmente se limita através dos fatores formadores de subjetividade, onde a partir de Deleuze (2006) estimula questionar a possibilidade de criação sem o atravessamento de pressupostos.

Porém, segundo o dicionário Michaelis (2024), a arte como expressão coloquial pode ser definida como “ação de traquinas; traquinada, traquinagem, travessura: *Este menino faz uma arte atrás da outra.*” A partir dessa concepção, a arte passa a ser um jargão, onde se passa a categorizar a espontaneidade das expressões do sentir como aspectos depreciativos.

O uso coloquial da arte é predominante ao referir as atitudes de crianças, porém o termo se consolida de forma enraizada pelo fazer arte como uma traquinagem. Embora seja necessário a discussão sobre o julgamento de atitudes de crianças que sempre são relacionadas a algo negativo, o presente trabalho pretende refletir apenas o problema do uso do termo da arte como arteiro, suas possíveis consequências, e as dificuldades em relacionar o que pode ser arte ao docente.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

“A arte luta com o caos, mas para torná-lo sensível” (DELEUZE & GUATTARI, 1992 p.241)

Imagem 2. Acervo pessoal



A liberdade de expressão artística é facilmente confundida por conceitos autoritários, tal como “desvio de comportamento”, então percebemos a linha tênue entre artista e arteiro. Mas o que seria um desvio de comportamento? Talvez o não atender às expectativas esperadas? A confusão se manifesta devido ao fazer arte do arteiro e a arte do artista estarem diretamente ligadas a espontaneidade pela expressão de singularidade? Por esse caminho, o arteiro e o artista têm muito em comum, o desejo pela expressão legítima.

Ao pensar no que chamam de “desvio comportamental”, dado pela insatisfação aos padrões e a manifestação do pensamento por sua essencialidade, o arteiro também faz arte? A corporeidade em movimento de resistência pode ser arte?

E o artista, ele pode expressar seus desejos, sentidos e devaneios? Ou o artista é apenas um aplicador e desenvolvedor de técnicas sistemáticas e reproduções/releituras? O que pode o artista? O que pode o arteiro? O que pode a arte?

Imagem 3. Acervo pessoal



Ao pensar na História, percebemos inúmeros questionamentos, onde incansavelmente os conceitos da estética da arte, e a padronização das belas artes como erudição, tem sido repensados. Poderia desdobrar aqui a discussão da tentativa de apagamento histórico da arte popular... Mas, vamos pensar em Duchamp na semana da arte moderna, desde a 'Fonte' (1917) até tantas outras obras que questionavam a estética da arte. O que faz uma obra ser considerada de arte, o renome do artista? Em 1961, Piero Manzoni inspirado nos questionamentos de Duchamp, volta a questionar com ousadia em sua obra "Merda de artista". Na década de 80 surge um nome, que além de questionar a estética da arte, traz concepções que valorizam e legitimam as expressões artísticas infantis, por Jean-Michel Basquiat.

Recentemente, Grada Kilomba (2024) traz em uma de suas entrevistas no Brasil, uma reflexão sobre a estética da arte, no qual nos provoca a pensar que primeiramente devemos pensar na função da arte, tendo em vista que a arte pode ser contestadora, automaticamente ela não tem a necessidade de seguir padrões que definem o que é harmonioso, pois podem (ou não) ter necessariamente a intenção de causar incômodo ou desconforto.

Imagem 4. Acervo pessoal.



Durante meu primeiro ano de docência em artes, na educação infantil e ensino fundamental etapa 1, trabalhei durante algumas aulas o conceito do que pode ser arte. Em primeiro momento, discutimos sobre o que cada um tinha para si como conceito de arte, eu não esperava tais respostas.

“Fazer arte é fazer bagunça, porque quando eu apronto em casa minha mãe diz que eu estou fazendo arte, então se sua aula é de arte é um tempo pra gente fazer bagunça na escola”, essa resposta foi a que mais me tocou a necessidade de escrever sobre essa problemática. E se eu não perguntasse e trabalhasse os conceitos do que pode ser arte com eles? Ele iria passar o ano todo achando que durante a aula de artes era necessariamente apenas para deixar eles fazerem bagunça?

Além de algumas respostas parecidas, na maioria das vezes, a resposta era apenas “desenhar”. Com muita luta trabalhei com sala por sala as diversas linguagens artísticas e a concepção de expressões artísticas fora do âmbito da estética padrão. Que o fluir artístico pode se aproximar da bagunça, mas sem se misturar. Que devemos explorar todo imaginário que podemos conseguir, criar todo o inexistente, feito a ludicidade como dos sonhos.

Mas, como propor atividades coletivas de criações fluidas nos mais diversos ambientes e com os mais diversos materiais sem ser confundido com bagunça? Eis a linha tênue! O livre- expressar associado ao mau comportamento.

Imagem 5. Acervo pessoal



3 DISCUSSÃO

Após intenso trabalho com as crianças para possibilitar trabalhos com mais fluidez e liberdade artística, passei a pensar que meu trabalho tinha sido feito naquela escola. Mas tinha esquecido de algo: os adultos! A criança está sempre disposta a repensar seu repertório, seus conceitos, mas e o adulto? O adulto tem certa resistência em pensar que seus conceitos podem ser questionados.

Todo dia ainda escuto dos adultos “já vai fazer bagunça?”, “que bagunça!”, “são tudo arteiro”, ou até “o que tá acontecendo aqui?”. Mas, por inúmeros espaços onde tenho habitado, venho a acreditar que ao trabalhar com o público de crianças, a opinião que eu devo levar em consideração é os questionamentos das crianças. Como posso considerar questionamentos de pessoas que olham apenas os recortes das ações artísticas?

Imagem 6. Acervo pessoal



A grande devolutiva sobre se minhas práticas se dão por episódios que acontecem diariamente, do do tipo: “hoje eu não vou entrar na escola!”, e uma funcionária responde “tá bom então, volta embora, vai perder a aula de artes”, a única resposta foi “tchau mãe!”. Ou.. uma criança estava chorando pedindo para ligar para a mãe dela pois estava passando mal, ela veio em minha direção e perguntou “você vai ficar com a gente hoje?”, eu respondi que sim, ela correu desesperadamente em direção da funcionária que cuidava do caso dela gritando “não precisa mais ligar pra minha mãe não! eu já estou melhor!”

4 CONCLUSÃO

“A arte não é o caos, mas uma composição do caos (...) não previsto nem preconcebido”
(DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.263)

Imagem 7. Acervo pessoal



Acredito ser impossível concluir algo até aqui, a contribuição se dá a partir do impulsionamento aos questionamentos do que pode ser arte. Mas antes disso, talvez o exercício seja pensar: o que não pode ser arte?

Existe a possibilidade de algo que se desligue de alguma forma de expressão? A estética da arte nunca deve seguir algum padrão, se segue um padrão pode deixar de ser uma expressão singular. Há possibilidade da arte não conter expressão?

Ainda finalizo provocando a pensar sobre as estéticas da arte como processos modulatórios. A arte quando se adentra aos processos modulatórios, ainda continua sendo arte? Quanto tem de expressão nessa arte?

REFERÊNCIAS

ARTE in: dicio **Oxford Languages**. Online. Disponível em: <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>> (Acesso em 23/05/2023)

ARTE in: dicio **Michaelis**. Online. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/arte/>> (Acesso em 23/05/2023)

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** - Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** (trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz). Rio de Janeiro. Editora 34, 1992.

KILOMBA, Grada. Roda Viva. **TV Cultura**, exibido em 13 de maio de 2024. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=up-F2Pzf0LY>> (Acesso em 23/05/2024)

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto machado, 2ed. Rio de Janeiro, Graal, 2006